

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOMOTRICIDADE

**A RELEVÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO
DA CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

MARIA ADELANE SANTOS DE MELO

FORTALEZA-CEARÁ

2007

A RELEVÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE PARA O
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

MARIA ADELANE SANTOS DE MELO

MONOGRAFIA SUBMETIDA À COORDENAÇÃO DO CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOMOTRICIDADE COMO REQUISITO PARCIAL
PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE ESPECIALISTA PELA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ.

Esta monografia foi submetida como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Psicomotricidade pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca Central da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

Maria Adelane Santos de Melo

MONOGRAFIA APROVADA EM: ____/____/____

Profª Drª Maria Isabel Filgueiras Lima Ciasca
Orientadora

RESUMO

A Psicomotricidade é uma ciência da educação que busca através de técnicas contribuir para o desenvolvimento físico, social, cognitivo e afetivo da criança, possibilitando situações desafiadoras que favorecerão o amadurecimento das funções neurológicas e motoras para que o indivíduo possa viver melhor consigo mesmo e em sociedade. Para tanto, é de fundamental importância que o professor da educação infantil tenha sensibilidade e conhecimento acerca do desenvolvimento psicomotor infantil para que proponha atividades motoras que despertem o interesse da criança com o intuito de conhecer melhor a si mesma, suas habilidades e limitações, conhecer melhor o outro para um melhor convívio social, assim como também, adquirir subsídios para uma aprendizagem significativa e satisfatória que tenha utilidade para sua vida atual e futura. A família, também, deve dispor de condições que estimulem o desenvolvimento psicomotor da criança, já que é o primeiro grupo social a qual a criança pertence, podendo desde cedo estimular seus movimentos e sentidos, além de procurar um equilíbrio entre liberdade e limite para que a criança possa formular e adquirir valores morais e sociais e tornar-se um indivíduo capaz de exercer sua cidadania com compromisso e responsabilidade para uma vida melhor em sociedade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. DEFINIÇÃO DE PSICOMOTRICIDADE	2
2. DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR	4
3. FATORES PSICOMOTORES	7
3.1. Tônus	7
3.2. Lateralidade	8
3.3. Esquema corporal	11
3.4. Estruturação espacial	13
3.5. Estruturação temporal	14
3.6. Equilibração	15
3.7. Praxia global	16
3.8. Praxia fina	16
4. A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL	18
5. A PSICOMOTRICIDADE E O MOVIMENTO	23
5.1. O movimento como forma de expressão e aprendizagem	23
5.2. O espaço e o movimento	25
5.3. O educadpr e sua intervenção nas atividades pedagógicas	26
6. A FAMÍLIA E O DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR DA CRIANÇA .	30
CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como objetivo constatar como a Psicomotricidade é fundamental para a evolução da criança da educação infantil.

Tendo em vista que o desenvolvimento psicomotor busca desenvolver as potencialidades da criança, sendo necessário estímulo e encorajamento por parte dos adultos, define-se, portanto, a ciência da educação, Psicomotricidade que tem o homem como ser indivisível corpo e alma, tendo um influência sobre o outro. Sendo assim, a Psicomotricidade estuda o homem em sua totalidade e através de técnicas procura promover o seu desenvolvimento global.

Logo após, há um breve comentário sobre o desenvolvimento psicomotor e a importância dos fatores psicomotores ressaltando que o amadurecimento das funções neurológicas e da organização psicológica darão condições para que a criança tenha respostas musculares adequadas ao realizar uma atividade.

Em seguida, faz-se necessária a definição de educação infantil e sua relação com a Psicomotricidade, incluindo um comentário sobre o trabalho mediador do educador nas atividades pedagógicas e sobre os estímulos que a família deverá proporcionar à criança, já que é o primeiro grupo social a qual a criança pertence.

Capítulo I – Definição de Psicomotricidade

A Psicomotricidade estuda a relação entre o desenvolvimento motor, intelectual, social e afetivo do indivíduo, além do estudo das dificuldades de aprendizagem ou perturbações psicomotoras em crianças normais, o qual dá-se o nome de reeducação psicomotora. Conforme afirma MEUR & STAES (1991 p.21): *A reeducação psicomotora é dirigida às crianças que sofrem perturbações instrumentais (dificuldades ou atrasos psicomotores).*

É uma ciência da educação que enfoca a unidade indivisível do homem constituída pela soma e psique, educando o movimento ao mesmo tempo põem em jogo as funções intelectuais (HURTADO, apud BEZERRA, 1998, p.20).

É a ciência da educação que tem o ser humano como objeto de estudo e que busca, através de técnicas, meios para promover seu desenvolvimento.

Não separando corpo e alma, psicomotricidade não se preocupa somente com a educação do corpo através do movimento, mas com a vida social afetiva do indivíduo, visto que o homem é uma unidade corpo e alma, não sendo possível dissociá-lo, pois um sempre terá influência sobre o outro.

... O desenvolvimento intelectual e o desenvolvimento afetivo estão intimamente ligados na criança: a psicomotricidade quer justamente destacar a relação existente entre motricidade, a mente e a afetividade e facilitar a abordagem global da criança por meio de uma técnica (MEUR & STAES, 1991, p.05).

A Psicomotricidade busca proporcionar ao indivíduo uma vida melhor, favorecendo condições para que conheça melhor a si mesmo, o espaço onde está inserido e a sociedade a que pertence, além de procurar desenvolver as potencialidades do indivíduo para que possa adquirir bem estar mental e corporal e tenha melhores condições de viver em harmonia consigo mesmo e com as outras pessoas.

... A psicomotricidade é hoje concebida como a integração superior da motricidade, produto de uma relação inteligível entre a criança e o meio, e instrumento privilegiado através do qual a consciência se forma e materializa-se. (FONSECA, 1995, p.12).

Levando em consideração o amadurecimento das funções neurológicas, a atividade motora e as influências afetivas e sociais como integrantes umas das outras a criança através de seus movimentos e criatividade, terá mais oportunidade de construir uma aprendizagem com sentido e significado.

Atividades bem planejadas com situações desafiadoras e objetivos claros irão favorecer o amadurecimento das funções neurológicas e motoras da criança, tendo como resultado um melhor conhecimento sobre si mesma, suas possibilidades e limites, além de facilitar um melhor convívio com as outras pessoas e de contribuir para uma aprendizagem satisfatória.

A Psicomotricidade é, pois, uma ciência da educação que busca através de técnicas contribuir para o desenvolvimento global do indivíduo, integrando, pois os aspectos físicos, sociais, cognitivos e afetivos.

Capítulo II – Desenvolvimento Psicomotor

A educação psicomotora concerne uma formação de base indispensável a toda criança que seja normal ou com problemas. Responde a uma dupla finalidade: assegurar o desenvolvimento funcional tendo em conta possibilidades da criança e ajudar sua afetividade a expandir-se e a equilibrar-se através do intercâmbio com o ambiente humano.(LE BOULCH, 1992, p.13).

A criança, antes mesmo de freqüentar a escola, deve ser encorajada a realizar determinadas atividades que estejam ao seu alcance. Assim, tanto ela irá amadurecer suas funções orgânicas, como também começará a adquirir uma certa independência dos adultos que convivem com ela, além de começar a conhecer melhor o ambiente que está inserida e já começar, também, a conhecer melhor seu corpo.

O adulto não precisa, então, fazer tudo pela criança. É necessário que haja um incentivo por parte do adulto para que a criança possa agir sozinha. Em alguns casos, poderá ser preciso que o adulto demonstre várias vezes como agir, mas é muito importante que após essa demonstração, a criança sinta-se encorajada a agir sozinha.

A criança que começa a freqüentar o ambiente escolar, deverá continuar recebendo estímulo e encorajamento para realizar suas atividades sozinhas. Esse incentivo, agora, partirá de seu professor que deverá fornecer à criança meios adequados e suficientes para o aluno enfrentar as situações impostas pelo cotidiano, contribuindo, conseqüentemente, para o seu desenvolvimento psicomotor.

Papel do adulto: é assegurar a boa marcha coletiva das atividades; é necessário observar as reações das diferentes crianças a fim de ajudá-la conforme suas dificuldades. Este auxílio não deve consistir jamais em tirar a atenção das crianças dos gestos que elas devem descobrir. O educador não deve fornecer ao aluno a resposta pronta. A ajuda dada é através do afeto e da segurança transmitida pela sua presença... (LE BOULCH, 1992, p.151).

As atividades criativas colocadas para as crianças em idade escolar, buscam desenvolver suas habilidades físicas, sociais, afetivas e intelectuais. Essas atividades devem ser bem planejadas, pois os pequeninos podem aceitá-las ou rejeitá-las, tomando atitudes positivas ou negativas diante das mesmas, já que estamos trabalhando com seres vivos capazes de sentir e perceber se a situação vivenciada por eles é agradável ou não, formulando, então, sua própria opinião sobre o seu desempenho durante as atividades.

Sabemos que cada criança tem sua individualidade, daí a importância de se receber, do adulto, estímulo e afeto para que, ao realizar uma atividade, possa reconhecer suas habilidades e limitações.

... a criança vai adquirir pouco a pouco confiança nela, e melhor conhecimento de suas possibilidades e limites, com frequência impostos pela presença da outra criança com quem ela deverá aprender a cooperar durante o jogo. (LE BOULCH, 1992, p. 140).

Dessa forma, uma primeira criança poderá mostrar habilidade para uma certa atividade e uma segunda criança não, assim como essa segunda criança poderá mostrar habilidade em outra atividade e a primeira não. Assim, a criança reconhecerá melhor a si mesma e buscará uma melhor forma de viver ao meio que está inserida, começando a perceber, inclusive, que não é capaz de fazer tudo sozinha sem precisar da ajuda do outro.

... É através das relações mútuas do organismo e do meio que a imagem do corpo organiza-se como núcleo central da personalidade. A atividade motora e sensório-motora, graças a qual o indivíduo explora e maneja o meio, é essencial na sua evolução (LE BOULCH, 1992, p.15).

Através dos movimentos do corpo, a criança realiza experiências que contribuirão para a formação do seu conhecimento e desenvolvimento intelectual.

O desenvolvimento psicomotor busca o amadurecimento da função do organismo e organização psicológica das informações para que a criança obtenha respostas musculares adequadas ao realizar uma atividade.

Naturalmente, a criança brinca, expressando por mímica cenas da vida cotidiana: fala caminhando, canta dançando ou, ao contrário, começa a dançar e o contato aparece depois. Ao mesmo tempo, ela expressa sua afetividade e exercita sua inteligência (LE BOULCH, 1992, p.142).

O educador precisa, então, planejar as atividades propostas para as crianças, tendo em vista que não há como separar desenvolvimento psicológico e desenvolvimento motor. Portanto, as atividades manuais não estão em desencontro com a inteligência da criança e será através dessas atividades que a criança fará sua organização psicológica.

O desenvolvimento dos grandes músculos como braços, pernas e tronco deverá ocorrer pela espontaneidade da criança, ou seja, jogos e brincadeiras deverão ser orientados pelo educador, mas caberá a criança brincar livremente. Dessa forma, a criança terá liberdade de comandar a brincadeira ou ser comandada pelos colegas, devendo o educador somente orientá-la.

O movimento “pelo movimento” não leva a nenhuma aprendizagem. É necessário e fundamental que o aluno deseje, reflita e analise seus movimentos, interiorizando-os. Só assim conseguirá atingir uma aprendizagem mais significativa de si mesmo e de suas possibilidades. (OLIVEIRA, 1997, p.26)

Uma atividade que propõe a criança seguir tudo aquilo colocado pelo seu professor só irá limitar sua criatividade e sua sensação de liberdade, além de limitar sua capacidade de iniciativa, já que terá um adulto impondo uma atividade e não incentivando para a realização da mesma. Já, uma atividade em que a criança encontra sentido ao realizá-la, irá contribuir para o seu desenvolvimento motor e psicológico, além de poder expressar-se livremente demonstrando seus sentimentos, limitações e habilidades.

Capítulo III – Os Fatores Psicomotores

São estruturas internas que se integram às sensações e estímulos do meio externo com a finalidade de facilitar o desenvolvimento global do indivíduo, envolvendo os aspectos físicos, sociais, afetivos e cognitivos para que possa viver em harmonia consigo mesmo e com os outros.

3.1. Tônus

O tono muscular é a atividade primitiva e permanente do músculo; além de traduzir a vivência emocional do organismo, é o alicerce das atividades próximas. (LE BOULCH, 1992, p.55).

O tônus, conhecido também como tono, é o estado mínimo de contração muscular, valendo salientar que o músculo, mesmo estando em repouso, apresenta certa tensão.

Conforme OLIVEIRA (1997), a tonicidade está relacionada aos movimentos que são controlados pelo sistema nervoso através das contrações musculares e tais movimentos são:

Movimento voluntário: é aquele que depende da nossa vontade, ou seja, para realizarmos, temos alguma intencionalidade, um objetivo, um desejo e/ou uma necessidade, havendo antecipadamente uma representação mental do movimento que realizar-se-á, e em seguida a ação, ou seja, a concretização do movimento.

Movimento reflexo: ocorre independentemente da nossa vontade e só depois da ação é que tomamos consciência do mesmo. É uma reação orgânica provocada por estímulo que são percebidos, pelos receptores sensoriais do organismo e encaminhados ao centro nervoso resultando em uma resposta motora.

Movimento automático: é adquirido pela experiência de vida das pessoas, pelo treino, pela prática, não sendo necessário muito trabalho mental, mas contribuindo para uma melhor adaptação ao meio, já que há uma participação voluntária do indivíduo.

No âmbito da organização da psicomotricidade, o fator da tonicidade é o seu alicerce fundamental. A tonicidade garante, por consequência, as atitudes, as posturas, as mímicas, as emoções, etc., de onde emergem todas as atividades motoras humanas. (FONSECA, 1995, p.121).

O tônus está muito ligado às emoções e é por esta razão que o nosso corpo expressa uma linguagem que pode ser compreendida pelo outro, ou seja, os nossos sentimentos são expressos através de nossas ações ou estados de tensão demonstrando alegria, dor, tristeza, medo, ansiedade, enfim, demonstramos um pouco de nós mesmos.

A tonicidade divide-se em hipertonia e hipotonia.

A hipertonia é caracterizada pelo aumento do tônus, apresentando músculos contraídos em excesso.

A hipotonia apresenta uma pequena resistência muscular, tendo uma diminuição do tônus.

Segundo Oliveira (1997, p.28), o tônus muscular, portanto, depende muito da estimulação do meio.

Situações desafiadoras, viabilizarão melhores condições para que a criança possa confiar em si mesma, descobrindo suas potencialidades e demonstrando mais satisfação e segurança em suas ações e expressões.

3.2. Lateralidade

... Os espaços, motores do lado direito e do lado esquerdo não são homogêneos. Esta desigualdade vai tornar-se mais precisa durante o desenvolvimento e vai manifestar-

se durante os reajustamentos, práticas da natureza intencional. (LE BOULCH, 1992, p.92).

A lateralidade consiste na predominância de um dos hemisférios cerebrais na realização das atividades pela criança, ou seja, é a predominância de um lado do corpo em relação ao outro em três níveis (manual, ocular, e pedal), sendo algo inato, pois está ligado ao seu potencial genético.

Para Le Boulch (1992), a genética poderá não prevalecer quanto à lateralidade devido as influências patológicas ou preconceito social que exigirá de uma criança canhota o uso da mão direita ocasionando um comprometimento na estruturação de seu esquema corporal.

O destro, então, passa a ser canhoto devido as inúmeras atividades que lhes são impostas diariamente.

Há pessoas que não possuem dominância lateral definida, gerando algumas perturbações, já que as funções da lateralidade serão divididas para os dois hemisférios.

Uma criança cuja lateralidade não está bem definida encontra problema de ordem espacial, não percebe diferença entre seu lado dominante e o outro lado, não distingue a diferença ente esquerda e direita, é incapaz de seguir a direção gráfica (leitura começando pela esquerda). (MEUR & STAES, 1991, p.08).

Não podemos associar de imediato a dominância lateral à noção de direita e esquerda, pois essa noção só será mais bem definida quando a criança percebe o lado de seu corpo que mais utiliza em relação ao outro.

Durante o crescimento, naturalmente se define uma dominância lateral na criança: será mais forte mais ágil do lado direito ou do lado esquerdo. A lateralidade corresponde a dados neurológicos, mas também é influenciada por certos hábitos sociais. (MEUR & STAES, 1991, p.11).

Quanto mais definida for a dominância lateral da criança ao realizar uma atividade, melhor ela constituirá a noção de direita e esquerda. Mas se a criança

não possui uma dominância lateral definida, terá mais dificuldade de assimilar os termos direita e esquerda por ser, em alguns momentos, mais hábil de um lado do seu corpo e em outros mais hábil do outro lado.

Segundo OLIVEIRA (1997) a lateralização pode apresentar diferentes tipos de dominâncias:

Destra homogênea: dominância do lado direito nos três níveis (manual, ocular, pedal).

Sinistra homogênea: dominância do lado esquerdo nos três níveis (manual, ocular, pedal).

Ambidestra: dominância espontânea nos dois lados do corpo.

Lateralidade cruzada: é quando a criança usa a mão esquerda, o pé e o olho direitos ou qualquer outra combinação.

Podem ocorrer, também, casos em que esta mudança de prevalência manual modifique-se por motivo de identificação com alguém ou por imposição dos pais ou professores ou por motivo afetivo ou por qualquer outro. (OLIVEIRA, 1997, p.64).

Pais e educadores devem, portanto, deixar que a criança possa descobrir livremente sua lateralidade. Essa descoberta ocorrerá no seu dia-a-dia, podendo receber orientação na dominância dos adultos e não imposições.

Qualquer perturbação na dominância lateral da criança, além do comprometimento da estruturação do seu esquema corporal, e da orientação espaço-temporal, acarretará também dificuldades em seu processo de aprendizagem, daí a importância de um trabalho psicomotor nas escolas para evitar tais problemas.

3.3. Esquema corporal

O esquema corporal é um elemento básico indispensável para a formação da personalidade da criança. É a representação relativamente global, científica e diferenciada que a criança tem de seu próprio corpo. (MEUR & STAES, 1991, p.09).

Através de atividades psicomotoras que busquem uma satisfatória estruturação do esquema corporal, a criança irá conhecer melhor o seu corpo, saberá mais facilmente utilizá-lo para satisfazer suas necessidades, além de poder relacionar-se melhor com as outras pessoas e com o meio em que vive.

O esquema corporal está intimamente ligado à formação da personalidade infantil, sendo, pois, os estímulos fornecidos ao organismo e as respostas fornecidas ao meio algo que contribui para essa formação.

A própria criança percebe-se e percebe os seres e as coisas que a cercam, em função de sua pessoa. Sua personalidade se desenvolverá graças a uma progressiva tomada de consciência de seu corpo, de seu ser, de sua personalidade de agir e transformar o mundo a sua volta. (MEUR & STAES, 1991, p.09).

Quando a criança conhece melhor o seu corpo e sabe fazer uso dele para viver bem, ela percebe mais facilmente suas habilidades e limitações ao movimentar-se, percebe os objetos e os seres que estão a sua volta, busca a melhor maneira para sair das situações que lhes são colocadas e, através de suas habilidades, pode transformar a realidade vivida por ela. Tudo isso contribui consideravelmente para a formação da personalidade infantil.

Para conhecer seu corpo é importante que a criança passe por várias etapas até tornar-se consciente em relação ao seu próprio corpo, partindo de um conhecimento geral para um conhecimento mais específico.

De acordo com LE BOULCH, citado por OLIVEIRA (1997) as três etapas do esquema corporal são:

A primeira etapa enfrentada pela criança é a conhecida como a etapa do **corpo vivo** (até 3 anos de idade).

Esta etapa corresponde à fase da inteligência sensório-motora de Jean Piaget... Esta etapa, portanto, é dominada pela experiência vivida pela criança, pela exploração do meio, por sua atividade investigadora e incessante. (OLIVEIRA, 1997, p.58).

Nela, a criança terá uma noção geral de seu corpo e deverá procurar a melhor forma para controlar seus movimentos. Deve-se iniciar com atividades espontâneas e depois propor exercícios com orientação do educador em que a criança poderá responder aos estímulos, demonstrando suas habilidades físicas bem como suas sensações e emoções em relação aos exercícios.

A segunda etapa é conhecida como a do **corpo percebido** (3 à 7 anos).

Esta etapa corresponde à organização do esquema corporal devido à maturação da função de interiorização, aquisição esta de suma importância, porque auxilia a criança a desenvolver uma percepção centrada em seu próprio corpo. (OLIVEIRA, 1997, p.59).

Devido às experiências vividas na primeira etapa, a criança é capaz de representar mentalmente os objetos, situá-los em seu tempo e espaço, assim também como situar seu corpo em relação a si mesmo e aos objetos.

Nessa etapa, a criança reconhece cada parte de seu corpo, seja olhando para um colega, olhando uma figura ou olhando-se no espelho. É importante que a criança consiga localizar e nomear as partes de seu corpo e que possa perceber também em seu colega.

A terceira etapa é a do **corpo representado** (7 à 12 anos).

Nessa etapa, a criança consegue mais facilmente utilizar-se de seu corpo por conhecê-lo melhor, definindo a parte do corpo mais adequada para realizar uma determinada atividade. Assim, realizará os exercícios propostos de forma

mais objetiva, além de poder expressar-se através de seus movimentos e emoções, estruturando, conseqüentemente, uma organização espaço-corporal.

Conforme LE BOULCH (1992) a imagem do corpo representa uma forma de equilíbrio entre as funções psicomotoras e sua maturidade.

O esquema corporal inicia-se com o nascimento e continua desenvolvendo-se com o crescimento e maturação do indivíduo. A criança, então, vai tomando consciência de seu próprio corpo e percebendo que pode interagir com as outras pessoas.

Como a estruturação do esquema corporal tem grande ligação com a formação da personalidade infantil, dito anteriormente, podemos perceber a tamanha responsabilidade que os profissionais e as famílias devem ter com as crianças.

Uma disfunção orgânica ou social sofrida pela criança acarretará em um comprometimento da imagem e consciência de seu próprio corpo, comprometendo, também, a formação da sua personalidade e a sua interação com o meio.

3.4. Estruturação espacial

A concepção de espaço é constituída pela criança quando ela passa a perceber os objetos a sua volta, podendo constatar que eles possuem forma, mesmo estando perto ou longe dela.

Com os estímulos recebidos do meio e com o amadurecimento das funções neurológicas, a criança consegue perceber melhor os objetos, suas formas e o espaço que ocupa em relação a ela e em relação às outras pessoas.

Segundo LE BOULCH (1992) a exploração do espaço começa desde o momento em que a criança fixa o olhar em um objeto, depois tenta agarrá-lo.

A partir dos três anos, a criança já possui uma noção sobre espaço devido as experiências vivenciadas anteriormente. Ao se deslocar, a criança percebe melhor os objetos que estão a sua volta e quando sabe e pode nomear os objetos e suas partes, consegue mais facilmente organizar o espaço onde está inserida, sendo o objeto o elemento organizador desse espaço.

... A percepção da forma, o conhecimento dos objetos e do nosso ambiente é bastante valioso, pois permite agir adequadamente, dando-nos segurança e tranquilidade. (SOUZA, 1969, p.30).

Conhecendo as partes do seu corpo e, posteriormente, tendo uma noção do mesmo, a criança percebe o espaço ocupado por ele e todo o espaço onde está inserida.

... O objetivo da escola maternal é permitir o acesso da criança a um espaço egocêntrico, isto é, um espaço no qual o corpo da criança seja o elemento de referência... (LE BOULCH, 192, p.200).

A criança constrói mais facilmente a noção de espaço quando se utiliza seu próprio corpo para início desse estudo e assim poder perceber aspectos como adiante/atrás, acima/abaixo, direita/esquerda.

A estruturação espacial é, pois, a consciência que a criança tem de seu próprio corpo em relação aos objetos e as outras pessoas, assim também como a capacidade de organizar-se, organizar os objetos a sua volta, podendo deslocá-los.

3.5. Estruturação temporal

A noção de tempo é adquirida pela criança quando esta situa-se em relação aos acontecimentos, percebendo o antes, o durante, o depois, o longo, o curto, o rápido e o lento.

As noções temporais são muito abstratas, muitas vezes bem difíceis de serem adquiridas por nossas crianças (MEUR & STAES, 1991, p. 15).

A noção de tempo é algo difícil de ser adquirido rapidamente pela criança por ser muito abstrato. Essa constituição é adquirida gradativamente, havendo inicialmente, apenas uma memorização do que seja tempo.

A criança adquire mais facilmente a noção de tempo quando encontra ritmo em seus movimentos... O que se chama corretamente de um “gesto coordenado” é, na realidade, um gesto rítmico, isto é, uma boa estruturação temporal, conferindo-lhe uma certa harmonia...(LE BOULCH, 1992, p. 137).

O ritmo está muito relacionado ao tempo, já que ao realizar um determinado movimento a criança utilizarão tempo que achar necessário, tomando consciência de seus movimentos e de seu ritmo, podendo, então, organizá-los.

Realizando os movimentos seguindo um ritmo, seja rápido ou lento dependendo da necessidade, a criança terá uma melhor noção de tempo, conseguindo inclusive, organiza-se.

Assim, começará a organizar suas atividades diárias de acordo com o tempo que possui podendo realizar suas tarefas mais tranquilamente e ganhar mais tempo para brincar.

3.6. Equilibração

FONSECA ressalta, citado por SOUSA (2004, p.80), que o equilíbrio é a capacidade de manutenção e gravidade.

O equilíbrio é fundamental para todas as ações intencionais ou não intencionais do ser humano estando muito ligado ao tônus muscular já que, tanto equilíbrio como tônus estão relacionados a coordenação de movimentos.

As ações que compõem as brincadeiras envolvem aspectos ligados à coordenação do movimento e ao equilíbrio.(Referencial curricular nacional para a educação infantil/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental.Brasília:MEC/SEF,1998, v. 03, p.34).

Atividades que propiciem a exploração de movimentos e equilíbrio darão oportunidade para que a criança adquira melhor noção de espaço e tempo, além de explorar sua criatividade na busca de alcançar os objetivos de tais atividades.

3.7. Praxia global

Os movimentos intencionais,ou seja, as praxias, são definidas em Piaget (1975) como “ sistemas de movimentos coordenados em função de um resultado”.(SOUSA,2004,p.92).

A praxia global refere-se a um conjunto de movimentos coordenados favorecendo, para a criança, uma melhor noção de seu corpo, assim também como uma melhor noção espaço-temporal.

Enfim, é a utilização do espaço através de movimentos corporais de forma harmoniosa.

3.8. Praxia fina

A praxia fina, recebendo a contribuição particular de todos os fatores psicomotores, traduz-se como um produto final, para uma melhor estruturação no desenvolvimento do indivíduo (SOUSA, 2004, p.93).

A aquisição da praxia fina ocorre após um trabalho com os outros fatores psicomotores, pois depende de um amadurecimento psiconeurológico.

Assim, um estudo bem elaborado dos fatores psicomotores já mencionados viabilizarão um desenvolvimento da criança de forma mais integrada possibilitando um processo de aprendizagem mais viável.

Capítulo IV – A Educação Infantil no Brasil

Antigamente a sociedade não evidenciava a fase da infância e a criança ficava sob a responsabilidade de suas famílias, não existindo, portanto, instituições especializadas e profissionais preparados para lidar com os pequeninos.

O surgimento das instituições de educação infantil esteve de certa forma relacionado ao nascimento da escola e do pensamento pedagógico moderno, que pode ser localizado entre os séculos XVI e XVII (CRAIDY & KAERCHER, 2001, p. 14).

As creches e pré-escolas nasceram, portanto, após o surgimento das escolas devido a inserção da mulher no mercado de trabalho, a uma nova organização familiar e a uma nova visão acerca da infância que objetivava, através da educação, transformar as crianças em adultos produtivos para a sociedade a qual pertenciam.

Somente com a Constituição Federal de 1988 foi que o atendimento às crianças de zero à seis anos foi reconhecido e a educação infantil, composta por creches e pré-escolas, passou a ser um dever do Estado e um direito da criança (artigo 208, inciso IV).

Ao considerarmos que vivemos em contextos culturais e históricos em permanente transformação, podemos incluir aí também a idéia de que as crianças participam igualmente desta transformação e, neste processo, acabam também transformadas pelas experiências que vivem neste mundo extremamente dinâmico (CRAIDY & KAERCHER, 2001, p. 21).

As transformações ocorridas no mundo devido às inovações tecnológicas, às novas exigências no mercado de trabalho e a grande modernidade dos meios de comunicação acabam refletindo nas crianças, podendo influenciar em seu modo de pensar, agir e falar, daí a grande importância das instituições de educação infantil acompanharão as inovações juntamente com as crianças, preparando um ambiente acolhedor e seguro para que essas crianças não

percam suas essências e possam brincar soltando sua imaginação e criando suas fantasias.

Vejamos, agora, a divisão e organização da educação infantil segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, explicita no art. 30, capítulo II, seção II que: “ A educação infantil será oferecida em: I – creches ou entidades equivalentes para crianças de até três anos de idade; II – pré- escolas, para as crianças de quatro a seis anos” (Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, v. 01, p. 45).

Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, a divisão foi realizada de acordo com a faixa etária das crianças, respeitando seu nível de desenvolvimento e trabalhando os aspectos físicos, sociais, afetivos e cognitivos.

Contudo, o Governo Federal, de acordo com a Resolução n 0410/2006 do Conselho de Educação do Ceará (CEC) com fundamentos nas Leis n 9394/1996, 10.172/2001, 11.114/2005 e no Parecer CNE/CEB n 18/2005 e na Resolução n 03/2005 ampliou o ensino fundamental para nove anos de duração com o intuito de incluir os alunos de seis anos de idade no ensino fundamental, dando ênfase ao processo de alfabetização e letramento dos alunos, garantindo, também, uma aprendizagem para a vida estimulando as habilidades dos educandos para que possam adquirir valores morais e sociais, intervindo em sua realidade quando necessário para uma vida melhor pessoalmente e socialmente.

Tendo em vista a Resolução n 0410/2006, as creches, agora, acolhem as crianças de até três anos de idade, a pré-escola crianças de quatro anos e cinco anos de idade, passando, pois, as crianças de seis anos de idade para o primeiro ano do ensino fundamental.

Quanto aos objetivos da educação infantil, estes visam sempre o desenvolvimento das capacidades dos alunos e estão muito relacionados às

intenções e posturas pedagógicas do professor que deverá estar preparado para trabalhar com as diversidades, considerando que cada aluno tem um modo de compreensão, de habilidades e de interesses diferentes uns dos outros.

Para alcançar tais objetivos, o professor deverá usar, então, de vários meios didáticos e de diversas estratégias para que a criança possa desenvolver suas capacidades.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, v.01, p. 63) os objetivos gerais da educação infantil são:

- Desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações;
- Descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar;
- Estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua auto-estima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;
- Estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vista com os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração;
- Observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e

agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação;

- Brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades;
- Utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical,plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas idéias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais a sua capacidade expressiva;
- Conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade.

A educação infantil é oferecida para, em com-plementação à ação da família, proporcionar condições adequadas de desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social da criança e promover a ampliação de suas experiências e conhecimentos, estimulando o seu interesse pelo processo de transformação da natureza e pela convivência em sociedade. (Brasil/MEC, apud SEDUC, 2000, p.23).

A criança é, pois, um sujeito ativo e capaz de aprender para transformar a realidade em busca de uma sociedade que acompanhe as transformações sociais e culturais. É também um ser histórico que recebe influências da sua cultura e se desenvolve através das interações com o meio físico e social a qual pertence.

O trabalho psicomotor com atividades desafiadoras em instituições de educação infantil, portanto é de extrema importância para o desenvolvimento global do indivíduo envolvendo aspectos físico, social, afetivo e cognitivo, além de despertar o interesse da criança pela interação com o meio social, ressaltando a

importância dos valores como solidariedade, compreensão e respeito para que se torne um cidadão consciente de seus direitos e deveres.

Capítulo V - A Psicomotricidade e o movimento

Ao movimentar-se as crianças expressam sentimentos, emoções e pensamentos, ampliando as possibilidades do seu uso significativo de gestos e posturas corporais(Referencial curricular nacional para a educação infantil. Ministério da Educação e Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília:MEC/SEF, 1998, v.03, p.15).

Através do corpo e, por conseguinte, dos seus movimentos a criança expressa suas ações, seus desejos e seus pensamentos, ou seja, o corpo é utilizado como um meio de comunicação entre os seres que demonstra seus interesses e necessidades.

Atividades desafiadoras planejadas pelo educador com objetividade e proposta às crianças com clareza, dentro de um ambiente acolhedor, permitirão que as crianças possam arriscar e vencer os desafios encontrados.

Dessa forma, conhecerão melhor a si mesmas, suas habilidades e limitações, conhecerão melhor o outro percebendo que esse outro também possui necessidades que precisam ser atendidas, além de conhecer melhor a realidade a qual pertencem.

5.1. O movimento como forma de expressão e aprendizagem

Conforme ressalta LOPES (1999, p.35) a criança aprende brincando, é o exercício que a faz desenvolver suas potencialidades.

Além de favorecer sua auto-estima, a brincadeira possibilita que a criança confronte o mundo real com o mundo não real criado pela sua imaginação.

Ao assumir diversos papéis durante as brincadeiras, as crianças manifestam suas ações, emoções e pensamentos além de interiorizarem determinados modelos preparando-se para a vida adulta.

Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e idéias, de uma realidade anteriormente vivenciada (Referencial curricular nacional para a educação infantil/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília:MEC/SEF, p.27, vol. 01,1998).

Ao brincar, a criança pode descobrir mais sobre seu corpo e sua personalidade, conhecer e explorar melhor o espaço em que se encontra, manter contato com seus colegas, além de poder relacionar o mundo das fantasias, construído por ela, com a realidade.

As atividades tomam a forma de jogos funcionais – exercendo a função de ajustamento e ajuntamento global do espaço – ou de jogos de imaginação, permitindo a confrontação das fantasias com a realidade material em contato com as outras crianças. (LE BOULCH, 1992, p.139).

É importante que o educador oriente os jogos, mas não em todas as ocasiões, pois a criança deve ter a oportunidade de pensar, criar e concretizar seu pensamento para que possa, através de suas brincadeiras, descobrir suas possibilidades e limites e ter noção de liberdade, autonomia e liderança.

As instituições devem assegurar e valorizar, em seu cotidiano, jogos motores e brincadeiras que contemplem a progressiva coordenação dos movimentos e o equilíbrio das crianças. Os jogos motores de regras trazem também a oportunidade de aprendizagens sociais, pois ao jogar, as crianças aprendem a competir, a colaborar umas com as outras, a combinar e respeitar regras.(Referencial curricular nacional de educação infantil/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, p.35, v.03, 1998).

Através de jogos orientados pelo educador ou de brincadeiras espontâneas, a criança pode perceber que seu colega também tem necessidade e que precisa de oportunidade para satisfazê-las, sejam elas superadas somente por aquele que necessita ou tendo ajuda de outra criança. Daí, já podemos citar outros dois fatores importantes que são a cooperação e o respeito pelo colega.

5.2. O espaço para o movimento

Para brincar de forma orientada ou espontânea é preciso de espaço, conforme afirma LE BOULCH (1992, p.140): A primeira necessidade é criar espaços mais numerosos para o jogo das crianças. Por isso, toda criança deve ter em sua casa um espaço reservado para seus brinquedos e para brincar, assim como na escola, a criança necessita de um espaço fora de sua sala de aula para que possa expressar-se através de seus movimentos e desenvolver suas possibilidades.

...O espaço de vida da criança deve obedecer a dois grandes critérios. Por um lado, uma organização funcional dos locais, impondo uma certa estrutura geométrica, favorecendo a passagem da criança do universo topológico ao universo euclidiano do adulto; este aspecto não deve descuidar a criação de um espaço estético que influenciará favoravelmente a sensibilidade da criança. Por outro lado, é preciso que as crianças disponham de espaços pouco estruturados, arrumados de forma sumária, ocupados por espaços brutos, a fim de permitir alcançar uma organização de seu próprio espaço e criar seus instrumentos de jogo. (LE BOULCH, 1992, p.140).

Há uma necessidade de possuir espaços bem estruturados e pouco estruturados. Com espaços bem estruturados, a criança perceberá melhor como o adulto se organiza além de desenvolver sua sensibilidade, levando em consideração que esse espaço deva possuir uma estética agradável. Já com os espaços pouco estruturados, a criança precisará organizar seu próprio espaço e criar seus objetos para brincar.

A organização do ambiente, dos materiais e do tempo visam a auxiliar que as manifestações motoras das crianças estejam integradas nas diversas atividades da rotina. Para isso, os espaços externos e internos devem ser amplos o suficiente para acolher as manifestações da motricidade infantil. Os objetos, brinquedos e materiais devem auxiliar as atividades expressivas e instrumentais do movimento. (Referencial curricular nacional para a educação infantil/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, v.03, p.39).

As atividades espontâneas ou dirigidas permitem a criança desenvolver-se física, social e mentalmente, proporcionando, inclusive, o contato com outras crianças.

A atividade lúdica permitirá, portanto, a expressão da personalidade da criança e a evolução de seu corpo, assim como o desenvolvimento de sua autonomia e socialização, para que possa encontrar harmonia no convívio com as outras pessoas, sendo possível, também, o desenvolvimento de sua imaginação e criatividade. Como diz LE BOULCH (1992, p.140): *... a atividade lúdica incide na autonomia e na socialização, condição de uma boa relação com o mundo.*

5.3. O educador e sua intervenção nas atividades pedagógicas

...É importante propor mas não impor, deve se propor à criança no momento oportuno, no momento em que ela está sensibilizada, disposta a colher; este é o papel do professor, papel delicado.(LE BOULCH, 1992, p.144).

As atividades lúdicas colocadas para as crianças deverão ter a orientação do educador que deverá perceber o momento mais adequado para que possa intervir em tais atividades.

É importante que o educador crie um clima agradável, conquistando a confiança de seus alunos, sendo compreensivo e valorizando cada descoberta de suas crianças mesmo que para nós, adultos, seja algo bastante simples.

A expressão livre corporal só é possível na medida em que o educador criar uma atmosfera de confiança, de compreensão, já que o bloqueio afetivo acarreta um bloqueio físico e, como consequência, inibe toda expressão gestual normal, natural. (LE BOULCH, 1992, p.142).

Qualquer perturbação afetiva comprometerá a expressão corporal da criança, daí a importância do educador procurar chegar mais perto de seus

alunos, pois dessa forma as crianças encontrarão mais incentivo, respeito e valorização para realizar suas atividades.

Os primeiros jogos de regras são valiosos para o desenvolvimento de capacidades corporais de equilíbrio e coordenação, mas trazem também a oportunidade, para as crianças, de primeiras situações competitivas, em que suas habilidades poderão ser valorizadas de acordo com os objetivos do jogo. É muito importante que o professor esteja atento aos conflitos que possam surgir nessas situações, ajudando as crianças a desenvolver uma atitude de competição de forma saudável. (Referencial curricular nacional para a educação infantil, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília:MEC/SEF, 1998, v.03, p.37).

Diante de uma situação agressiva, o educador deverá saber esperar a percepção do problema pela criança agredida e só após essa percepção é que o educador poderá tomar uma atitude adequada.

Dessa forma, a criança agredida assumirá a vivência de um problema e o educador, por sua vez, precisará ser discreto para que não fique tão evidente ou se manifeste mais ainda a insegurança e o medo por parte daquele que foi agredido.

...A não-intervenção do adulto só está limitada por medidas de segurança. Entretanto, a intervenção não deve ser automática, quando manifestações agressivas se desenvolvem entre as crianças. Em outros termos, a agressividade não deve ser controlada imediatamente pelo adulto. (LE BOULCH, 1992, p.140).

Cada criança tem sua individualidade, portanto, seu ritmo próprio e isso ocorre não só por uma característica particular sua, mas também pelo nível de maturidade neurológica que possui, cabendo ao educador ter respeito pelo desenvolvimento neurológico da criança.

...Cada criança tem um ritmo próprio que deve ser respeitado, não só pela originalidade, senão também em função da maturidade dos centros nervosos que não é idêntica nem nas crianças do mesmo nível de desenvolvimento neurológico. (LE BOULCH, 1992, p.144).

O educador precisa, pois, perceber o nível de desenvolvimento e maturidade de seus alunos para que não sejam erroneamente rotulados de desinteressados quando, no entanto, a linguagem utilizada pelo educador e as atividades propostas por ele vão bem além das habilidades das crianças.

O professor pode organizar atividades que exijam o aperfeiçoamento das capacidades motoras das crianças, ou que lhes tragam novos desafios, considerando seus progressos. (Referencial curricular nacional para a educação infantil, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília:MEC/SEF, 1998, v.03, p.36).

O educador poderá organizar um ambiente desafiador com vários tipos de materiais que despertem a curiosidade e a criatividade das crianças proporcionando-lhes diversas experiências motoras.

A sensibilidade pode ser considerada uma das características mais importantes do educador, pois com bastante sensatez ele construirá, com seus alunos, uma relação de confiança e respeito e poderá mais facilmente valorizar as suas descobertas, reconhecendo ainda erros e procurando ajustá-los juntamente com as crianças.

É importante, também, que o educador, através de sua sensibilidade, saiba perceber quando as suas crianças não estão dispostas a realizar a atividade proposta por ele e assim possa modificá-la, intervindo da forma mais adequada para que não transmita decepção ou até mesmo raiva que só desestimularia totalmente seus alunos.

...é importante que o educador, ao utilizar um jogo, tenha definidos objetivos a alcançar e saiba escolher o jogo adequado ao momento educativo. Enquanto a criança está simplesmente brincando, incorpora valores, conceitos e conteúdos... (LOPES, 1998, p.36).

Interessante mesmo é a experiência adquirida pela criança em cada atividade realizada por ela, cabendo ao educador acompanhá-la e ajudá-la no seu

desenvolvimento físico, social, afetivo e cognitivo, tendo-se, principalmente, um clima de ternura, companheirismo e amizade. Assim, o educador conquistará a confiança de seus alunos, tornando-se mais fácil a expressão oral, emocional e física das crianças e o trabalho do educador, que busca a todo instante contribuir para o desenvolvimento psicomotor das crianças.

Capítulo VI - A família e o desenvolvimento psicomotor da criança

LE BOULCH (1992, p.73) afirma que: ... Educação suave, mas não desprovida de autoridade, é a mais favorável ao desenvolvimento sensório-motor e intelectual da criança.

A criança que convive em um meio familiar capaz de perceber suas necessidades e que procura as melhores maneiras para satisfazê-las, terá um considerável desenvolvimento de suas habilidades.

Já, aquela criança que não recebe a atenção e os cuidados que necessita das pessoas que com ela convivem, apresentará um atraso em seu desenvolvimento psicomotor, pois a criança em seu desabrochar necessita de muito carinho, estímulo e um ambiente adequado para que obtenha um bom desenvolvimento físico, intelectual e afetivo.

Desde pequena, a criança precisa ser considerada pela família como um ser pensante capaz de sentir e agir e que está pronta para desenvolver suas potencialidades.

A família, precisa então, está atenta às necessidades básicas da criança no que se refere à alimentação e ao sono, assim também como incentivar a criança a brincar e até se envolver na brincadeira. Assim, estará contribuindo para o desenvolvimento sensório-motor da criança.

É muito importante, também, que os adultos conversem com a criança, pois estarão colaborando para a expansão de seu vocabulário e para a sua oralidade. Através da fala, a criança poderá expressar-se mais facilmente, até porque, em nossa sociedade, a expressão verbal é a mais requisitada.

A criança precisa crescer em um ambiente que lhe forneça segurança, mas isso não quer dizer que a criança deva ser totalmente dependente de sua

família. Ou seja, os pais devem transmitir segurança para a criança, contudo a própria criança deverá dispor de condições para o seu próprio ajustamento e para o meio em que vive. Assim, a criança aprenderá a lidar com as possíveis frustrações e, conseqüentemente, evitará sentir-se inibida e insegura diante das diversas situações que viverá.

Porém, a criança que convive em um meio familiar autoritário e cheio de regras, acaba por tornar-se em um indivíduo sem iniciativa e dependente.

A criança recém-nascida necessita de muito contato com sua mãe e esse primeiro contato ocorre através da pele, seja ele no mamar no seio materno, no banho, no beijo ou na carícia com as mãos.

... se a criança é mal cuidada, se suas necessidades não são satisfatórias, se a mãe impaciente a agarra bruscamente, se a sua ansiedade se traduz por um excesso de tensão, a criança reagirá por descargas tônicas. Quando esta situação é muito intensa, a criança pode ser nervosa e irritável... (LE BOULCH, 1992, p.75).

O estado emocional da mãe tem muita influência no estado emocional de seu filho, ou seja, uma mãe paciente, carinhosa e atenciosa poderá repassar para seu bebê momentos mais tranquilos e de mais amor, fazendo com que a criança só demonstre insatisfação quando realmente necessitar de algum cuidado.

Contudo, quando a mãe não fornece a devida atenção de que a criança necessita, esta tornar-se-á em um indivíduo nervoso e irritado, já que sua mãe dispensar-lhe-á doses muito grandes de irritação e impaciência.

Após esse primeiro contato cutâneo, o bebê procura a comunicação entre a audição e a visão. É importante que o adulto demonstre atenção pela criança, seja através da fala ou de expressões corporais e/ou faciais. Assim, a criança estará sendo estimulada para obter um bom desenvolvimento, não esquecendo que esses primeiros contatos irão influenciar consideravelmente o estado emocional e na afetividade do indivíduo.

Desde pequeno, o bebê dispõe de um sistema de comunicação não verbal, permitindo-lhe transmitir suas impressões. A mãe, pela aptidão de compreender a criança e dialogar com ela, tem um rol essencial no acesso da criança à atividade social. (LE BOULCH, 1992, p.77).

A comunicação ainda não verbal existente entre a criança e sua mãe inicia as primeiras expressões sociais da criança que ocorrem através do olhar, do sorriso, do choro, dos movimentos de pernas, braços, mãos e cabeça.

... Todo comportamento agressivo: brusco, fechamento de sobrancelhas, voz alta provocam imediatamente o medo. A criança distingue o comportamento amigável daquele agressivo. (LE BOULCH, 1992, p.77).

Dessa forma, a criança poderá perceber atitudes grosseiras e delicadas do adulto, demonstrando, pois, medo ou satisfação.

Por volta de um ano de idade, a criança é capaz de reconhecer que alguma atitude realizada por ela não foi aprovada por sua mãe expressa através da mímica e depois através da palavra.

A fim de evitar que esta experiência da frustração seja traumatizante ou negativa, é necessário que a mãe saiba dosar compreensão e relativa severidade. (LE BOULCH, 1992, p.78).

Durante essa fase, é importante que a mãe não seja só facilitadora, mas também saiba impor limite para a criança quando necessário.

A mãe, portanto, deve procurar um equilíbrio entre a liberdade e o limite de que a criança necessita para que saiba receber um não, saiba controlar seus medos e frustrações e consiga, mais tarde, viver melhor em sociedade, procurando adaptar-se mais facilmente ao meio em que está inserida.

CONCLUSÃO

A pesquisa realizada contribuiu significativamente para minha formação acadêmica e profissional, pois através de aprofundamentos teóricos encontrei embasamento para uma educação que vai além dos livros, já que primeiramente o indivíduo precisa conhecer a si mesmo para entender o que acontece ao seu redor e assim poder ocorrer o processo de aprendizagem.

A ação da família juntamente com um trabalho psicomotor bem planejado para crianças da educação infantil trarão resultados que marcarão positivamente a vida do indivíduo, possibilitando um desenvolvimento físico, social, afetivo e cognitivo, ampliando suas experiências para uma vida mais harmoniosa consigo mesmo e com o outro.

Espera-se, portanto, que os professores da educação infantil despertem para o estudo do desenvolvimento psicomotor das crianças para que proponham mais atividades motoras, respeitando o ritmo e nível de maturação de seus alunos, podendo assim, contribuir para o desenvolvimento das potencialidades dos pequeninos objetivando uma aprendizagem satisfatória e significativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEZERRA, T.M.C. Origem e desenvolvimento da Psicomotricidade. Monografia de especialização em psicologia aplicada. Fortaleza: UFC, 1998.
- BOULCH, L. O Desenvolvimento Psicomotor: do nascimento até 6 anos – a psicocinética na idade pré-escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CEARÁ. Secretaria da Educação Básica. Infância e educação infantil: resgatando um pouco da história. / Sílvia Helena Vieira Cruz. Fortaleza: SEDUC, 2000.
- CRAIDY, C.M. & KAERCHER, G.E.P. da S. Educação Infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Editora Artmed, 2001.
- FONSECA, V. da. Manual de observação psicomotora: significação psiconeurológica dos fatores psicomotores. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- LOPES, M. da G. Jogos na educação: criar, fazer, jogar. São Paulo: Cortez, 1999.
- MEUR, A. de & STAES, L. Psicomotricidade: educação e reeducação. São Paulo: Manole, 1991.
- OLIVEIRA, G. de C. Psicomotricidade: educação e reeducação num enfoque psicopedagógico. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SOUSA, D. C. de. Psicomotricidade: integração pais, criança e escola. Fortaleza: Editora Livro Técnico, 2004.

SOUZA, I. S. de. Psicologia: a aprendizagem e seus problemas. Rio de Janeiro:
Livraria José Olympio, 1969.